

RACISMO COTIDIANO E DESUMANIZAÇÃO EPISTÊMICA: DO OBJETO AO SUJEITO EM MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO

Sandra Gomes

INTRODUÇÃO: Historicamente, a educação tem sido pautada por referenciais hegemônicos que deslegitimam outras formas de produção de conhecimento que fogem à norma, colocando, assim, a população negra no lugar de objeto de estudo e negando seu lugar de produtora de conhecimento. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo denunciar, a partir da obra *Memórias da plantação*, de Grada Kilomba, a persistência histórica do racismo cotidiano presente na desumanização de epistemologias negras e, simultaneamente, o deslocamento do objeto ao sujeito. Busca-se compreender como o racismo cotidiano opera como um mecanismo de silenciamento e negação da intelectualidade negra. Na introdução da obra *Memórias da plantação*, Kilomba, de forma crítica e denunciadora, revisita memórias de um passado ainda presente e traumático. Esse passado impõe idiomas, normas, discursos e violências, além de impedir a narração de torturas, restringir acessos e silenciar vozes e escritas. Trata-se de um exercício de rememorar com vistas à ruptura. Kilomba escreve com um objetivo: romper com o papel de quem é descrita, a “Outra”, conectando-se à “Eu própria”, deslocando o objeto para o sujeito. Nisso reside o rompimento com o projeto colonial predeterminado (Kilomba, 2019). “Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político” (Kilomba, 2019, p. 28). A autora coloca a escrita como ferramenta emancipadora e opositora ao projeto colonial, ao passo que também apresenta dois objetivos fundamentais: a oposição ao lugar de “Outridade” e a disposição de reinvenção como “Novo”. Por esse motivo, ela descreve as narrativas dessa obra como um “tornar-me sujeito”. A autora também chama atenção para a rejeição de produções que fujam à norma eurocêntrica de conhecimento, por não serem consideradas ciência credível (Kilomba, 2019). No cotidiano, o racismo opera pela negação para manter e legitimar violências de exclusão social. Essa negação decorre do desejo do sujeito branco de não ter que lidar com verdades desconfortáveis produzidas a partir do negro, o que resulta no silenciamento. Esse processo revela que o silenciamento atua como mecanismo de preservação de privilégios. Silencia-se aquilo que não se quer que seja revelado, pois pode dizer mais sobre quem silencia do que sobre o outro. Esta pesquisa é relevante tanto no meio acadêmico quanto no social, pois aborda um fenômeno presente no cotidiano de pessoas negras. Por essa razão, entende-se que o assunto não está esgotado nem superado, havendo, portanto, possibilidades contínuas e necessárias de mudança no cenário atual.

METODOLOGIA: Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, com ênfase na obra *Memórias da Plantação*, a partir de uma análise crítica e interpretativa das categorias centrais mobilizadas pela autora, estabelecendo um diálogo com o conceito de epistemicídio, conforme proposto por Sueli Carneiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Esse silenciamento é questionado pelo “Outro”, aquele considerado “ruim”, historicamente colocado no lugar de objeto e subalternizado em prol de um modelo universal lido como “bom”. Sueli Carneiro, em sua obra *Dispositivo de racialidade*, mobiliza o termo epistemicídio, cunhado por Boaventura de Sousa Santos. O epistemicídio opera como mecanismo de deslegitimação de conhecimentos produzidos por grupos dominados. Essa

negação sistemática os coloca no lugar de objeto, e não de sujeitos de conhecimento, perpetuando o silenciamento e a invisibilidade. Observa-se que esse processo não é apenas simbólico, mas estrutural, afetando diretamente a produção e validação do conhecimento. Na obra *Ensinando a transgredir*, Bell Hooks discorre sobre a necessidade de um ensino multicultural e evidencia que a superação desse paradigma, mediada pela educação, exige mudanças de postura tanto de docentes quanto de discentes. Nas palavras da autora, “...nenhuma educação é politicamente neutra” (hooks, 2024, p. 47). Kilomba reforça que a academia não é um espaço neutro e, por vezes, constitui-se como um espaço de violências (Kilomba, 2019). A sala de aula precisa ser um espaço democrático, no qual todos se sintam sujeitos legítimos para contribuir com essas mudanças. A partir da descentralização do Ocidente global, aliada à prática do multiculturalismo, exige-se que educadores atentem não apenas à voz de quem fala e de quem ouve, mas também às condições e às razões dessas enunciações (hooks, 2024). Em *Memórias da plantação*, Kilomba discorre sobre a necessidade e a importância de pesquisas centradas em sujeitos. Evidencia-se que, em narrativas brancocêntricas ocidentais, o sujeito negro é construído como incompleto, pois certas dimensões de suas subjetividades são excluídas e não reconhecidas, como as esferas social, política e individual (Kilomba, 2019). A emancipação, conforme Collins, ocorre no processo de autodefinição, no qual mulheres negras rejeitam imagens e definições impostas pelos sistemas de poder e constroem sua própria imagem. Nesse sentido, a autodefinição constitui um movimento fundamental de deslocamento do lugar de objeto para o de sujeito, em consonância com o que propõe Kilomba. Ela ainda afirma que o conhecimento, resultado do “eu”, emerge justamente da emancipação das imagens de controle por meio do conhecimento autodefinido (Collins, 2019). Esse processo de autodefinição pode ser compreendido como uma resposta direta ao epistemicídio, na medida em que reafirma o sujeito negro como produtor legítimo de conhecimento. O enfrentamento ao epistemicídio se dá por meio do compromisso de brancos aliados e de negros com a descolonização do conhecimento, valorizando a pluralidade de saberes e dando voz aos grupos historicamente silenciados. Dessa forma, o racismo cotidiano articula-se à desumanização epistêmica ao negar a legitimidade do sujeito negro como produtor de conhecimento. Conclui-se que a obra de Kilomba evidencia, de forma crítica, o deslocamento desse lugar de objeto para o sujeito como um movimento político e epistemológico.

Palavras-chave: Mulheres Negras; Epistemicídio; Silenciamento.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, conciencia e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.